

Ambiguidades e indefinições dominam



Salgado Zenha e Mário Soares: um ajuste de contas pessoal nas presidenciais?

(Continuação da pág. 19-R)

concluir pela inviabilidade da sua candidatura. Nessa altura, o coronel na reserva receberia total cobertura por parte de Eanes para a sua retirada pública, bem como a garantia do Presidente de que não voltaria a patrocinar novas candidaturas.

Em meios eanistas e renovadores, a desistência de Costa Braz não é entendida, todavia, apenas como uma derrota de Eanes, pois considera-se que, através deste processo, o actual Presidente terá logrado, pelo menos, deixar claro junto da opinião pública que não apoia nenhum dos três candidatos no terreno — nem Mário Soares, nem Freitas do Amaral nem sequer Maria de Lourdes Pintasilgo.

Por outro lado, nos mesmos meios, receia-se que o facto de Eanes não se mostrar agora disponível para patrocinar novo processo de escolha possa vir a dificultar o lançamento

de uma outra candidatura — e pensa-se fundamentalmente na de Salgado Zenha — na zona do PRD, considerada como «absolutamente fundamental» para impedir o avanço de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Porque se Zenha parece vir trazer ao PRD «uma alma nova», a engenheira continua a ser uma terrivelmente incómoda «pedra no sapato dos renovadores» — ela que ainda hoje merece a preferência de larga maioria do eleitorado que escolheu o novo partido para protestar contra a classe política instalada.

Porque Zenha?

A candidatura de Salgado Zenha pode nunca vir a passar de uma miragem para os renovadores. Todavia, o simples facto de ter chegado a ser considerada — e com que entusiasmo! — em largos sectores do PRD, basta para trazer

ao de cima uma outra faceta porventura, a principal faceta deste partido que não é só imagem austera e conservadora de Eanes ou de Hermínio Martinho.

As razões para a «convicção» da candidatura daquele que já foi o «número dois» de Mário Soares saem com efeito, às catadupas da boca dos renovadores: «Ele é um civil e está hoje claramente demonstrado que os portugueses já não preferem militares em Belém»; «ele permitiria completar o desvio de votos do PS para o PRD, iniciado nas últimas eleições, para além de vir, obviamente, consolidar os votos agora obtidos por nós»; «ele, finalmente, é a ponte de união possível entre o eleitorado do PS e o do PRD».

Por outras palavras, Salgado Zenha «serve melhor que qualquer outro a (nossa) estratégia» porque é mais um passo no sentido da «aniqui-

Fundação Cuidar o Futuro

RA D'AVILA

a área eanista *

lação» do PS e, também da construção do «verdadeiro partido socialista» que, curiosamente, muitos renovadores e, sobretudo, muitos deputados do PRD, ainda hoje acalentam como meta para a sua novíssima formação política. A mesma que até agora, tem construído grande parte do seu discurso na rejeição das ideologias e da dicotomia direita-esquerda, ou na conquista do centro físico das bancadas da Assembleia da República.

Salgado Zenha viria «reconstruir o PRD à esquerda», garante um dos seus dirigentes para, de resto, acrescentar que o próprio comportamento do grupo parlamentar deste partido contribuirá de igual maneira para reconstruir uma imagem que, de certo modo, a campanha eleitoral liderada por Martinho e por Manuela Eanes veio deslocar num sentido muito mais conservador...

Pelo entusiasmo e pela «mobilização» suscitadas, a candidatura de Salgado Zenha parece querer significar que afinal este novel partido, nado e criado à imagem e semelhança de Eanes, pode não se contentar com um só «pai». Ou então, que a estratégia do PRD, na qual alguns dos seus dirigentes parecem encaixar na perfeição a figura de Salgado Zenha, pode não ser exactamente coincidente com a es-

tratégia do actual presidente da República...

Salgado Zenha: «um perdedor nato»

Uma coisa é, contudo, praticamente certa: ainda não é Salgado Zenha quem fará desistir Lourdes Pintasilgo, muito embora os renovadores se tenham apressado a recordar uma entrevista da engenheira, datada de há já longo tempo, na qual ela teria afirmado que apenas este ex-dirigente do Partido Socialista a poderia levar a uma reconsideração.

Aparentemente, todavia, a afirmação da engenheira já não se aplica ao tempo presente. O movimento de apoio à sua candidatura está já demasiado lançado para permitir um recuo em forma e, mais do que isso, os seus principais estrategos não deixam de considerar esta nova proposta de candidatura como «de cariz notoriamente partidário» ou não fosse Salgado Zenha ainda um militante do PS.

Na sedé da sua candidatura, rapidamente se alinham os argumentos contra esta nova sombra ameaçadora que surge no horizonte mal acaba de desaparecer a imagem de Costa Braz.

A candidatura de Salgado Zenha — dizem os estrategos pintasilguistas —, acarretará

«a transposição para o plano das presidenciais de uma querela antiga de natureza estritamente partidária» e «transformará as presidenciais num ajuste de contas pessoal entre dois líderes do PS — Mário Soares e Salgado Zenha». Ou, de outra maneira, antecipará «uma guerra política interior a um partido que deveria, afinal, travar-se no terreno do próximo congresso do PS».

De resto, Salgado Zenha «não constituiu um verdadeiro perigo para a engenheira», pois ele é «um perdedor nato»; concluem triunfantes os apoiantes da ex-primeira-ministra.

Quem representa afinal esta massa de ejetores que, no dia 6 de Outubro, resolveu desenhinar uma cruzinha ao lado da balança do PRD? Pintasilgo? Salgado Zenha? Ramalho Eanes?

Quanto mais não seja, este jogo de imagens e de sombras a que se assiste no chamado campo eanista permite colocar em evidência as profundas ambiguidades e indefinições que são ainda hoje o traço dominante deste espaço político que teve Eanes como referência, alguns notáveis do MFA como reserva e, como caldo de cultura, o descontentamento popular face a um regime aparentemente incapaz de se consolidar.



PRD no momento da sua legalização: uma triste história de irregularidades obrigou o partido a reduzir a sua participação nas eleições autárquicas